

Memorial de homenagem aos Ex-Combatentes

Longos anos passados desde o fim da Guerra Colonial, a memória permanece naqueles que, no período da sua juventude e ao serviço da Pátria, lutaram no Ultramar. Nas cerimónias oficiais do 10 de Junho, Dia de Portugal, os ex-combatentes integraram, pela primeira vez, a cerimónia militar oficial. E António Barreto, presidente da Comissão das Comemorações do Dia de Portugal, afirmou que «Portugal não trata bem os seus antigos combatentes, sobreviventes, feridos ou mortos». Falou em «esquecimento» e «indiferença», mencionando como justificação a «omissão do Estado».

Mas em Vila do Conde, a justa homenagem que agora se prestou a estes homens traduz o apreço e a sempre pronta colaboração que a Câmara Municipal dispensa à Associação dos Vilacondenses Ex-Combatentes do Ultramar. Na manhã da passada quinta-feira, teve lugar a cerimónia de inauguração do conjunto escultórico de homenagem aos ex-combatentes, localizado no Cais dos Assentos. A missa celebrada na Igreja do Desterro pelo Padre Bártolo e pelo Salesiano Revd.º Padre Antero, ex-Capelão



O Presidente dos «Ex-Combatentes» no uso da palavra.

Militar, seguiu-se o cortejo até ao local onde agora repousa a memória.

O conjunto escultórico é da autoria de três escultores vilacondenses: Manuel Sousa Pereira, Eduardo Bompastor e João Macedo, sendo constituído por um núcleo central, designadamente uma coluna onde se perpetuam os nomes dos militares vilacondenses que morreram no Ultramar e a figura de um jovem que simboliza a coragem e a dádiva sempre generosa de uma Juventude que por «lá» deixou alguns dos melhores anos das suas vidas. Integra ainda uma figura feminina numa postura melancólica e saudosista que pretende ser uma homena-

gem às mães, esposas e noivas ou irmãs que na retaguarda da «Metrópole» distante, sofreram a angústia dos medos, da saudade e, para muitas, da morte dos seus «Homens».

Reivindicado e prometido há já algum tempo, o monumento só agora foi inaugurado. O Presidente da Autarquia fez questão de justificar o porquê, aludindo à localização escolhida para o situar: «Foi necessário esperar até que as obras da Alameda estivessem concluídas e, de todos os lugares apontados, este é o mais digno. Pela sua arquitectura envolvente e pela sua localização especial, junto ao rio de onde saíram barcos na época dos descobrimen-

tos e na proximidade do mar onde navegavam embarcações que levaram os combatentes».

Não se tratando de um monumento à guerra, conforme frisou o escultor Sousa Pereira, terão sido essas as imagens que muitos dos ex-combatentes ali presentes mais reviveram. Talvez por isso, Manuel Nascimento, presidente da Associação de Ex-Combatentes, tenha aproveitado a ocasião para deixar uma mensagem especial às novas gerações: «Não nos deram a oportunidade de escolher o nosso destino. Jovens de hoje, vivam a vossa juventude em pleno, sintam o néctar da Liberdade, mas nunca se esqueçam do quanto nos custou essa liberdade. Hoje, pretendemos acordar consciências, mas também lembrar que a nossa presença em África foi no cumprimento de um dever patriótico, um dever de cidadania».

A cerimónia terminou com o entoar do Hino Nacional. Mas de tudo o que ali foi dito e cantado, o que mais se ouviu foi o silêncio, preso às lágrimas da memória e da saudade que o tempo não apaga. Para os que morreram no Ultramar houve mesmo um Adeus sem regresso.